

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, 30—ÁFRICA, 40—ESTRANGEIRO, 65

N.º 111 (201)—26-4-925

Redactor principal:

Clemente V. dos Santos

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua de Sol, 131—PORTO

CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Ports do Sol, 11

A REVOLTA MILITAR

A eclosão da revolta que há muito as forças conservadoras vinham anunciando, teve, afinal, o seu doloroso parto. Felizmente, o neófito, cujo baptizado antecipado lhe havia dado a «graça» de *Ditadura Militar*, morreu entalado nas próprias entranhas da megéira—a REACÇÃO.

Não devemos, porém, perder a serenidade com entusiasmos demasiados. O momento é de fria reflexão, de cuja frialdade raciocinante temos que aduzir as indispensáveis e lógicas deduções.

Podíamos, também, levar o nosso contentamento ao rubro, satisfeitos por vêr que o fascismo da União dos Interesses Económicos, e consubstanciado

uma aventura ultramontana e inglória — fôra, por agora, batido e impedido de conquistar o poder.

Mas não queremos embandeirar em arco: preferimos «filosofar»...

A insurreição armada, inspirada e executada pela patronal de todas as categorias que subornou uma parte do militarismo profissional de Lisboa, impelindo-o para uma luta fratricida de graves conseqüências, tinha por objectivo imediato uma maior estreiteza da exploração do homem pelo homem. A sua intenção facinorosa, usurpadora e sanguinária era dar mais um passo em frente, não só no terreno do banditismo político, mas por igual na estrada perigosa dos quadrilheiros rapinações económicas...

O fascismo italiano tem a mania curiosamente excepcional da panitalianização das suas violências e dos seus escamoteios bárbaros, brincando à

conquista «teórica» de todo o mundo.

O fascismo bancocrático, industrial, comercial, agricultor e político dos reacccionários que ladeiam os facinoras dos Peireira da Rosa, na impossibilidade de um panlusitanismo das suas monstruosidades e roubalheiras, visto que o país não pode com uma gata pelo rabo... teórico duma conquista universal — pensou, pelo menos, em transformar Portugal numa província integrada no «império» mussolínico, entregando a chefia governativa àqueles que se venderam aos trinta dinheiros do bando mercantilista defendido pelas colunas... e calúnias de *O Século* camaleónico.

Para a praticabilidade do seu plano liquidatário das poucas liberdades existentes em pleno reinado republicano, de forma a que ficassem livre e inteiramente usufrutuárias de toda a riqueza social argamassada pela suarenta distilação dos esforços do povo trabalhador — as forças do *ólho vivo* que teem contribuído para a ruína popular precisavam da conquista violenta das cadeiras da governação ditatorial, seguindo-se o amarfanhamento de tudo quanto traduzisse crítica, amena ou acerva, às latrocínantes atitudes dos detentores da produção humana.

A voz da indignação pública contra os saques dos «legionários» da reacção político capitalista em país conquistado, seria febril, rancorosa e vandálicamente estrangulada — com a dissolução da organização operária; com os assaltos e os possíveis incêndios aos sindicatos e outras colectividades de carácter operário; com o aniquilamento de toda a imprensa revolucionária; com as perseguições, encarceramentos e as-

sassinatos de todos aqueles que não rezassem pela cartilha dos Loiolas do «nacionalismo» mercieiro e militar; e, por cúmulo máximo, com o espectro sarcástico, sinistro, vingativo do Cunha Leal montando, inquisitorial, cicicamente, toda a engrenagem giratória da ceifadora guilhotina...

Estas eram as locubrações pavorosas que as seitas negras da U. I. E. encomendaram aos agaloados mandarins que se revoltaram, apesar das suas práticas disciplinadoras, dos prêgões sobre a necessidade da manutenção da ordem pública, diferente da ordem militar...

Bom grado para as nossas ideias e para as liberdades públicas, o espírito libertário da massa popular e as tropas que não quiseram colaborar na implantação duma ditadura cunhalealista, os maquiavélicos planos da reacção frustraram-se.

Não entoemos, porém, muito alto as hosanas da satisfação. A reacção plutocrática que engendrou o desastre da Rotunda, não foi derrotada. O que se passou em Lisboa foi apenas um sangrento episódio da sua vida de traições, provocado por ela,

lista, a reacção da U. I. E. não foi rechassada, nem sequer repelida: simplesmente encontrou um barranco que lhe dificultou, que lhe impediu, por agora, estender as suas trágicas «pernolas» no tenebroso passo a mais que pretendia dar.

A reacção continua, sem ao menos lamentar aquelas vítimas que habilidosamente «cordelinhou», nos seus redutos misteriosos: nos seus bancos, nas suas companhias, nos seus trusts e trucs, nas suas abádias, nas suas agências de navegação, nas suas direcções ferroviárias, nos seus celeiros, nos seus armazens, nos seus estabelecimentos fabris — a sugarem, insaciavelmente, toda a seiva produtora, todo o sangue generoso do produtor pisado pelo árduo trabalho acaparado pelas oligarquias predominantes — oligarquias, aliás, que os actuais vencedores, que o actual govêrno, que o presente Estado, persistirão em proteger, apesar de tudo...

A reacção capitalista, em todas as suas modalidades, só poderá ser derrubada seguramente com o cultivo inteligente da independência operária em face de todas as instituições políticas estatais; com o fortalecimento da sua organização; com a constituição dos seus conselhos de fábricas e oficinas; com o entendimento entre os operários das cidades e os trabalhadores dos campos, que os leve à expropriação universal de todas as ferramentas do trabalho e de todas as fontes de produção e consumo, que devem estar na gestão directa das camadas laboriosas.

O verdadeiro centro de equilíbrio reside na perfeita igualdade de direitos entre os indivíduos.

ELISEU RECLUS.

¡Não, camaradas! ¡Não, povo trabalhador! A reacção capita-

A maluqueira fascista

Marinetti é, depois de Mussolini, o chefe mais categorizado do fascismo. Mas se é o segundo chefe da quadrilha fascista, é, em contraposição, o expoente máximo da doídice que afectou a falange dos «camisas negras».

Porque na verdade está-se a averiguar que os bandidos «camisaneiros» que infestam a pobre Itália não passam de uma tenebrosa camada de loucos furiosos à solta...

Ao Marinetti, que acaba de ser elevado, pelo general Candeloro, a «camisa negra» honorário, deu-lhe a maluqueira de «inventar» um futurismo para o seu partido de alienados: patriota, italianista e imperialista, quer levar o seu país até aos paroxismos da grandeza inconcebível. A Itália há de estar, num futuro próximo, acima de tudo e de todos. O mundo inteiro há de ser italianizado nos seus costumes, na sua moral, na sua política, nos seus dialectos, nas suas violências fascistas, nos seus crimes hediondos de assassinatos à Matteoti.

A Itália há de conquistar tudo e todos, de forma a que «as memórias da grandeza romana» possam ser anuladas, pela «grandeza italiana, cem vezes maior»...

A perturbação mental de Marinetti, a quem ultimamente, num banquete de homenagem, lhe acabam de encher o boudoir de comidas apetitosas e de bebidas caras e ultralicorosas, salienta-se mais nesta afirmação incongruente:

Deve dar-se a «concessão aos indivíduo e ao povo de todas as liberdades, excepto a liberdade da covardia».

E nós ficamos a pensar se a liberdade de lutar contra a tirania mussolinica, contra os incêndios das casas sindicais, contra os assaltos às Casas do Povo, contra a destruição da imprensa socialista, comunista e sindicalista e contra os assassinatos de todos aqueles que não pertencem ao bando fascista, e pela liberdade de pensamento, de associação e de reunião—constitui uma covardia...

Neste caso a liberdade concedida ao indivíduo e ao povo, é a liberdade de estar calado e quieto perante todas as patifarias, misérias, latrocínios, violências por parte do fascismo e da burguesia—visto

que valentia, heroicidade, para os malucos dos Marinetti é a sua acção sanguinária de reduzir a Itália a um antro de calabreses, submetendo-a a um estado de ferro-e-fogo e de morte...

E' por isso que Marinetti, numa parva desculpa das ferocidades fascistas contraditórias da primeira afirmação, nos declara que a «proclamação da palavra Itália deve dominar a palavra Liberdade»...

Nestas condições, e para que a Itália melhor possa subjugar a Liberdade, não só dos italianos, mas de todos os outros povos, é que o governo italiano dos fascistas desperta o fascismo, que se tornou futurista: incita a ampliar «todas as ambições nacionais, desdenhando a acuação estúpida de pirataria e proclamando o surgimento do panitalianismo».

Logo, para que o curso das ambições ridículo-napoleónicas dos fascistas marinéticos se desenvolvam o mais latamente possível, eles querem «lançar a juventude italiana, já preparada muscular e espiritualmente, para a conquista do Império italiano, visto que a península, síntese de todas as belezas da terra, prehe de génio criador, tem direito a governar o mundo»...

Depois de incendiarem e saquearem a Itália operária, os fanfarrões mussolinicos e marinéticos acham-se com ganas de conquistar o mundo, levando-lhe a desolação, a dôr, a tirania, o roubo, a morte inquisitorial...

Que valentes... covardes...

E maior demência demonstram, os Nabuchodonosores de pacotilha italianesca, neste molho de bróculos:

«Os futuristas opõem-se ao tímido monarquismo, que é antiartístico, antiliterário, tanto como a República anti-guerreira, pacifista, humanitária, medíocre, preparando, em troca, o império do génio, da arte, da força, da beleza inigualável, do espírito da elegância da originalidade da côr, da fantasia. O Império italiano, antisocialista, anticlerical, antinacional, deve ser entregue ao pulso do melhor italiano, para que governe sem parlamento, mas com um Conselho técnico de homens jovens»...

Compreenderam este delírio, este desarranjo da moleira fascista? Nem é monárquica, nem é republicana, socialista, clerical, nacionalista...

Para que o império do gé-

nio... da doídice fascista se crie pela arte do «rasga» político, pela força das audaciosas monstruosidades e pela inegalável beleza incendiária e sequestradora à italiana,—o fascismo torna-se internacional na conquista do seu domínio pelas terras estranhas, afim de que todo o orbe terráqueo fique jazendo aos pés... de barro de um melhor italiano convertido em vespésiano imperador... da ilha de Santa Helena...

E' nisto que há de consistir a italianização da raça humana, toda a grandeza italiana a anular as memórias da grandeza romana e a governar o mundo... das parvoíces fascistas...

E é a um Marinetti dêste quilate que Mussolini chama «o inovador e o poeta que na sua poesia me deu a sensação de um oceano».

Pateta é que êle é, bem como todos os Mussolinis a exigirem camisas de força...

Crónica rebelde

SEMANA «SANTA»

Mais uma vez os pseudo fieis, os mercadores desta religião decaente, vestem de luto pelo rabi da Galiléa; mais uma vez o invencível lirismo pagão das gentes se desvia p'ras fugas imaginárias da lenda, de novo são erguidos, no mundo católico, milhares de cristas macerados, pobres e grotescas esculturas uns, belos e ricos outros, que o povo ignorante cobre de auréolas num rugido de feira; mais uma vez uma legião infima de padres grita a largos gestos histriónicos do alto dos púlpitos o suplicio do filho do carpinteiro do Nazaré! Há perto de dois mil anos que a mesma cerimónia se repete, com exageros cómicos, com lágrimas hipócritas, num alarde sonoro, sem que a humanidade ganhe com isso em saúde, em liberdade, em justiça.

Dizem que o Cristo ressuscitou mortos, curou leprosos, libertou escravos. Mas os homens continuam a morrer, a sofrer, oprimidos e vexados. Onde está o poder desse Deus? Porque não germina a sua semente?

Debalde o clero promete em nome de Cristo Deus; debalde se arrasta toda essa teatral representação dos acontecimentos da Palestina. A cólera dos déspotas existe, como a avareza

dos ricos que resam, como a barbaridade dos pretos que comungam!

Senhores: que grande assunto para largas colunas!

Não se pode dizer em duas linhas que tudo aquilo que se desenrola nos templos é hipócrita, calculado e mercenário.

O Kahal hebreu foi traduzido por Ecclesia. Depois de Cristo a ideia primitiva do Paix, agora ou Ecclesia, transformou-se em Templo. O que era uma pequena democracia tornou-se ideia absoluta. Os homens dessa ideia, do pobre cadaver do justicado do Calvário, da sua vida e memória, das margens do Eufrates, das pedras de Jerusalem, das palhas de Belem, da estrada de Emmaus, dos vales do Cedrão, das águas do Mar Morto, da prostituta Maria de Magdala, de tudo isso que inspirou os visionários do Apocalipse e dos Actos, fizeram êles um culto. Dêsse culto se fez Poder, Vício, Roubo, Violência, Morte. Aos solavancos pela história, a Igreja negou o Cristo nos seus actos.

A semana «santa», é o protesto da Igreja contra o Pretório em fúria. Mas a Igreja levou João Huss à fogueira por seguir as doutrinas de Wicleff, e fuzilou Ferrer por amar a humanidade!! Milhares e milhares de criaturas foram raptadas, presas, perseguidas, torturadas; ossos partidos, carnes chicoteadas, queimadas, golpeadas—em nome do Cristo morto no Calvário!

Cristianismo? Paz? Amor? Caridade? Bem? Justiça? Perdão? Virtude? Amor aos outros?

Mentira! Mentira! Mentira! Mentira todos os Deuses, todas as religiões!

Que ganhou a humanidade com a revolução religiosa de Lutero? Que valem as peregrinações a Meca? Que nos diz a Bíblia? E o Alcorão? Que nos ensinam os mahometanos, os católicos, os budistas os anglicanos, os judeus? Prova se apenas isto: que todas as religiões são mentira.

A trapaça religiosa é infinita. Ela tem roubado ao cérebro do homem a melhor a mais útil energia. Felizmente que o homem se emancipa. O homem derrubará a trapaça. Não há milagres. «Um grão de areia faz cair uma montanha quauao chegar a hora de cair essa montanha».

Não devemos crer nas religiões.

Elas só servem para o aniquilamento do homem; são a semente do ódio.

A Europa odeia a Ásia; a Ásia odeia a Europa, e assim por diante. Os povos que se rotulam de civilizados, regem seus costumes e suas leis em nome de Jesus; a Turquia mahometana guarda a herança dele e não lhe rende culto. Dos turcos é B zâncio a pagã, como dos católicos é a Grécia, a hebraica. Por onde é regulado, pois, o poder divino? Poderios e conquistas e religiões, tudo o que vive em nome dum Deus se contradiz e baralha, se confunde e ofusca. Amassai tudo isso, destilai o, e em vez do "Ente, que julgais achar, achareis isto: Nada!

Apesar disso, estará reservado ao pobre ser vidente por muitos anos o papel tristíssimo de mono?...

I. VAZ DA CRUZ.

N. da R. — Esta crônica devia ser publicada há duas semanas. Não sucedeu assim, em consequência do encarregado de não a entregar só o fazer na semana finda quando o nosso jornal já estava confeccionado.

A higiene deles

Eles transcrevem, e nós também:

«No ponto de limpeza, os Sovietes encontram uma desesperada resistência nos distritos rurais. O aldeão russo prefere morrer a lavar-se. Muitos motins camponeses foram obra de uma denodada adesão à imundícia, dispostos a sofrer todas as ditaduras menos a da água e do sabão. Na Sibéria descobriu-se uma tribo enfos habitantes — uns 600 — nunca tinham lavado os seus corpos, as suas roupas nem os seus utensílios de cozinha. Um dos que foram obrigados a lavar-se teve a infelicidade de morrer pouco depois, talvez do horror que lhe inspirava a água, e por pouco não rebenta uma revolução na hidrofóbica tribo. Será este também um dos motivos da aversão que muitos europeus sentem pela revolução soviética.»

(Do relatório da Delegação das Trades-Unions inglesas, que foi ultimamente à Rússia).

Transcrito por nós de *A Internacional*, órgão dos ex-anarquistas, hoje *copains* de Moscóvia, admiradores do Partido de Carvalho, *copain* que nunca se lavou, cheirava mal que repugnava e... diz-me com quem andas.

COMO NAO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$20

... Como na botica

Aparem lá este pião

Os comunistas da tripa, andavam a fazer tag-tés aos socialistas da rua de Camões. Era um jogo como outro qualquer. Mas, vai de aí, o filho do marchal socialista cá do burgo, arrima-lhe com esta às boxexas:

Acabo de ler um texto articulado parecido com um regulamento penitenciário...: refiro-me às despóticas XXI condições da Internacional Comunista de Moscóvia.

... é um conjunto de regras que tem de ser observadas e acatadas pelos partidos e filiações seus aderentes, transparentemente delas o ódio sistemático contra quem pensar diversamente dos comunistas... Contêm ao mesmo tempo disposições da mais severa e esmagadora autoridade e da mais absorvente e asfixiante centralização...

Com o horror que sempre tive aos despotismos, quaisquer que sejam as suas cores; com a minha aversão profunda às tiranias de qualquer origem e natureza, eu ousou preferir o actual regime político ao que nos anunciam os messias comunistas...

Ora aparem lá este pião à unha, senhores comunistas da tripa. Que é para não serem sabujos.

O valor das ditaduras

Só com uma parte do pessoal destinado a manter a «ordem», a ditadura espanhola gasta anualmente 188.378.742 pesetas (uns 566 mil contos da nossa moeda), assim discriminadas:

Guarda civil 96.447.904 pesetas
Clero . . . 61.201.426 >
Espíões, etc. 30.729.412 >

Muita paciência tem o povo espanhol! Como, de resto, o povo de todos os países...

A emenda do Kif

Em o n.º 37 do órgão dos seus *copains*, saiu: «Onde há homem lá estará a Autoridade.»

Não fossem julgar os aspirantes a comissários apressaram-se a rectificar em o n.º 38: «aquele a supria esta expressão: função social organizada.»

Não era preciso retificar, Kit. O que escreveres é tido como um evangelho.

O hesitante

Emílio Costa escreve no órgão dos *copains* um artigo de 6 colunas (página e meia) para fazer perguntas a que ele encontra fácil resposta nos artigos que escrevia quando acompanhava outra gente...

Se não fôra a sua senilidade recomendávamos-lhe a que se entretesse a ler o que escreveu em vés de escrever coisas novas.

«Copains» de hoje

Alegre te, Rate! O Kit anuncia o teu livro como do camarada, nos *Ecos* do vosso órgão.

Alegre te e esquece o tempo em que ele... não gostava de ti.

Os desperdícios bolxevistas

Há na Rússia quem morra à fome. Isso porém não impede que a família do embaixador da república dos soviets em França, gaste dinheiro a rodos e deslumbre o povo da capital francesa com o seu luxo e espavento.

Sempre bisbilhoteiros, os jornais burgueses censuram-lhe o procedimento. Mas um nosso colega, tomando a peito a defesa dos conspícuos representantes duma república proletária onde há proletários que não temem que comer nem que vestir, escreveu o que segue:

«Porque é que censurais o facto das companheiras Kras-sine: — esposa e filha do embaixador da D tadura proletária russa, em França, deslumbrem tudo e todos com o «seu luxo», os seus adornos e «os seus banquetes»? Julgáveis talvez que os Kras-sines, quando vão às recepções diplomáticas, fôsem vestidos, êle de «mujick e elaz de camponesa»? «Em primeiro lugar não são gente dessa categoria nem nunca o foram. O adjectivo «proletária junto ao substantivo «ditadura, não é mais do que uma máscara para esconder o mau séstro desta. Miz, «proletária ou não», um embaixador deixa de ser companheiro para passar a ser ex-celência. Ora como excelência tem que vestir a rigor, e o que é pior, tem de proceder... como um aristocrata. «Não faltava mais nada senão isto: que os representantes dos trabalhadores se apresentassem nas recepções diplomáticas como farroupilhas. «Devem mas é demonstrar que os proletários sabem e podem desperdiçar muito mais que os próprios capitalistas. E' «por esta forma que os bolxe-

«vistas hão-de erguer bem alto «o desprestigiado nome do «proletário.»

Não há dúvida...

Conselheiros de Estado

O partido socialista belga tem quatro representantes no conselho de Estado: Vander-velde, Bertrand, Colleaux e Brunet. Estes indivíduos, dando simultaneamente conselhos ao rei e conselhos aos trabalhadores que os escutam, está-se a ver que espécie de socialismo é o socialismo que êles representam.

Pensamentos... de hoje

O anarquismo não é uma praga, como dizem os tímidos, nem um erro, como afirmam os cérebros petrificados. O anarquismo é uma consequência do passado, uma necessidade do presente e um aráuto do futuro. O ideal anarquista contém em si-próprio o seu direito de existência, direito que perante os cérebros imparciais envolve a sua justificação. G. Núñez de Prado.

Pela cópia,

JOSÉ DE LIMA.

Auto-denúncia

Da *Vie Ouvrière*, órgão máximo dos *copains* de Moscóvia, em informação de Portugal, transcrevemos o que ela já transcrevera de *Antorcha*:

«O Partido Comunista é muito novo: encontra-se num período de organização. Conta 700 militantes, gosando de uma grande influência entre os trabalhadores. São todos velhos sindicalistas. O leader do Partido é o camarada Rates, que é um funcionario do Estado.»

«O P. C. tem alguns defeitos de organização, mas está em via de os corrigir. Deve realizar uma união estreita com a massa. Quando tiver corrigido os defeitos terá as melhores oportunidades de conseguir a direcção da C. G. T. Tendo criado a situação revolucionária em Portugal, é o P. C. que deve guiar as massas operárias e camponesas para a conquista do Poder.»

Da presunção e água benta cada um toma a que quer; e quanto ao seu leader, como a maioria dos *copains*, é empregado público, isso justifica o receio que todos eles tem de propagar uma sociedade que não alimente essa casta de parasitas.

ELISEU RECLUS

(1830-1905)

AO CAMPONÊS, MEU IRMÃO

O jovem que acaba de casar-se, a família que é aumentada com mais um filho ou recebeu um hóspede, expõem a sua nova situação e tomam do *haver* comum uma parte maior que satisfaça as suas maiores necessidades. Encurtam ou alargam a distância segundo a extensão do solo e o número dos componentes, e cada qual trabalha no seu campo, satisfeito de viver em paz com os irmãos que trabalham a seu lado, com relação às necessidades de todos.

Em circunstâncias semelhantes, os companheiros ajudam-se mutuamente: se um incêndio devorou uma cabana, todos ajudam a reconstruí-la; se o traçado duma avenida destruiu um campo, todos se interessam em beneficiar o amigo lesado. Um só apresenta os rebanhos da comunidade; pelas tardes, as ovelhas e as vacas sabem seguir o caminho que as conduz ao curral, sem que ninguém as empurre. A riqueza é ao mesmo tempo propriedade de todos e de cada um.

Mas a comunidade, da mesma forma que o indivíduo, é bem débil se vive isolada. Se não possui bastante terra para o conjunto de participantes, todos sofrerão fome! Quase sempre vive em luta com algum senhor mais rico que ela, aspirando à posse d'este ou doutro campo, dum bosque ou dum prado pertencente à comunidade e que resiste quanto pode. Se o senhor fôsse só depressa abateria o seu orgulho de insolente personagem, mas como nunca está só, tem pelo seu lado o governador da província, o chefe da polícia, os padres e os magistrados, o governo inteiro com as suas leis e seu exército. Se tem necessidades pode dispôr do canhão para metralhar aqueles que fecundam a terra cuja posse deseja. Porisso a comunidade, ainda que tenha razão pelo seu lado, para nada zerve quando luta com o patrão. E é inútil gritar-lhe, como ao contribuinte isolado: «Não cedas!» não tem mais remédio que ceder, vítima do seu isolamento e fraqueza.

Sim, vós outros sois muito débeis; pequenos proprietários desunidos ou não associados em comunidades, não podeis lutar contra os que vos querem escravizar, contra os açambar-

cadores que ambicionam a vossa terra e contra o governo que vos rouba os produtos do trabalho fazendo-vos pagar impostos esmagadores. Se não vos unirdes, não só de indivíduo para indivíduo, mas de comunidade a comunidade e de país a país, formando uma grande internacional de trabalhadores, bem depressa a vossa sorte será igual à de milhões de homens despojados de todo o direito de semear e recolher e que, desapossados da terra, entraram no exército dos escravos assalariados, vivendo do que o patrão lhe dá como esmola, quando lhe apraz conceder-lhes trabalho. Estes assalariados são desgraçados irmãos nossos desapossados da terra como vós talvez o sejais amanhã. Há porventura alguma diferença entre a sua sorte e a que vos está reservada? Já estais ameaçados; o vosso estado actual não é mais que uma trégua que vos concedem. Uai-vos ante vossas desgraças e perigos! Defendei o que possuís ainda e conquistai o que perdesteis! De contrário a vossa sorte futura será horrível, porque vivemos numa sociedade de ciência e método, e os nossos governantes, secundados por um exército de químicos e professores, preparam-vos uma organização social na qual será tudo regulamentado como numa em que a máquina tudo dirige, e onde até os homens não serão mais que simples rodas que se substituirão como ferro velho, quando intentarem raciocinar e querer.

E' assim que, nas vastas terras do Oeste dos Estados Unidos, se constituíram poderosas companhias de especuladores em perfeito acôrdo com os governos, como sucede com todos os ricos ou com os que aspiram à riqueza. Estas companhias conseguiram a cedência de imensos domínios nas regiões férteis e fazem, escravizando homens, verdadeiras fábricas de cereais. Existem campos de culturas que tem a extensão duma província das nossas. Estes vastos campos estão confiados a uma espécie de general, instruído e experimentado, bom agricultor e bom comerciante, hábil na arte de calcular no seu justo valor a força produtora das terras e dos músculos. Este chefe ins-

tala-se numa casa cômoda no centro das suas terras; tem nos seus armazens centenas de arados, centenas de máquinas-semeadoras, segadoras e trilhadoras, dezenas de vagões que vão e vem incessantemente sobre rails, deade os campos ao porto mais perto, cujos cais e navios lhe pertencem também; uma linha telefónica vai deade o seu palácio a todos os lugares de trabalho do seu domínio; a voz do patrão ouve-se em todos os lados; ouve todos os rumores, vigia todos os actos; não se faz nada sem ordem sua e sem ser visto por êle.

E a que se reduz o operário, o camponês, nesse mundo tam bem organizado? Máquinas, cavalos e homens são utilizados de igual forma; são cousas iguais, avaliadas com números, que é preciso empregar em benefício do patrão. Cada um dos passos dos animais estão calculados, sabe-se já o que produzem ao senhor. Da mesma forma estão calculados todos os movimentos do operário desde a sua saída do dormitório comum. Nada de mulheres nem de crianças que venham alterar a tarefa com uma carícia ou um beijo. Os trabalhadores acham-se agrupados por esquadrões, com sargentos, capitães e o inevitável capataz. O dever é fazer metódicamente o trabalho ordenado, sem a menor discussão nem opinião contrária. Quando uma máquina se inutiliza atiram-na para o montão de sucata se não se pode repará-la. Se um cavalo cai e parte uma perna dizem-lhe um tiro numa orelha. Se um homem sucumbe de fadiga, se desarticula um membro ou é atacado de insolação, não lhe dão um tiro, mas desembaraçam-se d'êles no entanto: conduzem-no a um lugar separado onde morra sem incomodar os que trabalham. Quando finalizam os grandes trabalhos, quando a natureza descansa, o director descansa também e licencia o seu exército.

No ano seguinte achará uma quantidade suficiente de ossos e músculos para formar o novo exército, tendo o cuidado de que não sejam os mesmos do ano precedente. Poderiam falar talvez por experiência, pensar que sabem tanto como o amo, e até, quem sabe? tomar amor a uma terra cultivada por êles e imaginar que lhes pertence. E' certo que se a felicidade humana consistisse em criar alguns milionários que *entesourassem* em proveito das suas

paixões e caprichos os produtos acumulados pelos trabalhadores escravos, esta exploração da terra por uma chusma de bandidos seria o ideal anelado. Os resultados destas empresas são prodigiosos quando a especulação não arruina o que ela mesmo cria. Tal quantidade de trigo obtido pelo trabalho, pode nutrir cinquenta mil: aos gastos feitos pagando um salário irrisório corresponde uma recolheita enorme que se expede por carregamentos inteiros de navios e se vende por dez vezes o valor da produção. E' certo que se à multidão de consumidores falta trabalho e salário, chega a uma pobreza extrema, não poderá comprar os produtos, e condenada a morrer de fome, não enriquecerá os especuladores. Mas estes não se ocupam do futuro, primeiramente ganhar muito: esbanjar dinheiro a trouxe-môuxa e depois... que se aguentem! Os que hão de vir que se arranjem como puderem: «Depois de nós o dilúvio.»

Eis, queridos amigos, o destino que vos está reservado, a vocês que amais a terra regada com o vosso suor, para a qual vos sentis atraídos por uma força cujo segredo vo-lo explica o desenvolvimento do embrião vegetal, ao surgir da terra misteriosamente com seus tâlozinhos brancos.

Arrebatam-vos hão a terra e a colheita, pegam em vocês próprios e vos amarrarão a qualquer máquina, fumegante e estridente, e ennegrecidos pelo fumo e pelo carvão, sereis obrigados a balancear os vossos braços sobre um palanco dez ou dôze mil vezes por dia, segundo os cálculos do vosso tirano. Chamarão a isto agricultura. E nada de aventuras ou de amor quando o coração vos faça sentir afectos por uma mulher; não vos volteis sequer para mirar a rapariga que passa: o capataz não consente que se roube trabalho ao patrão. Se a este convem que vos caséis para criar progenitura, é porque será de seu agrado; terá a alma de escravo que êle deseja; serás bastante vil para que êle autorize a perpetuação da raça abjecta. O futuro que vos espera será o mesmo que o do operário e o do aprendiz das fábricas. Jamais a escravidão antiga pôde amassar tam metódicamente e formar a matéria humana até reduzi-la ao estado de ferramenta. Que resta de humano nesse ser pálido descarnado e escrufuloso que não respirará nunca outra atmos-